

## **Museu da Loucura : Um relato de experiência em saúde mental**

\*Marcela Cristina Fernandes Gualberto de Oliveira

Aluna do 6º P. de Psicologia da UNIVERSO BH

\*\*Gladston dos Santos Silva

Professor de Saúde Mental da UNIVERSO BH

Psicanalista e Mestre em Psicologia

### **Resumo**

O referente artigo trata-se de um relato de experiência da estudante do 5º período do curso de Psicologia da UNIVERSO-BH enquanto cursava a disciplina Saúde Mental. O artigo tem como principal objetivo relatar a experiência da aluna em conhecer o Museu da Loucura que retrata a história sofrida pelos internos num dos maiores manicômios do Brasil. O interesse da mesma em conhecer esse Museu teve início já no primeiro período do curso, quando sentiu necessidade de aprofundar seu conhecimento em relação aos transtornos mentais e as formas de tratamento.

O aporte teórico foi ancorado nos conteúdos da disciplina Saúde Mental, na ida ao teatro assistir à peça “Nos Porões da Loucura” e na leitura do livro “Holocausto Brasileiro” de Daniela Arbex.

Através da vivência de experiência durante a visita ao Museu da Loucura, da peça de teatro e da leitura do livro proporcionou à aluna várias reflexões sobre saber ouvir o sofrimento do outro e solidariedade, valores fundamentais ao psicólogo no exercício de sua profissão.

**Palavras-chave:** Relato de experiência, Psicologia, Museu da Loucura.

Assim que ingressei no Curso de Psicologia da Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO–BH em 2018, tive o interesse de conhecer o famoso Museu da Loucura na cidade de Barbacena em Minas Gerais. A cidade fica há 180 quilômetros da capital (Belo Horizonte). Barbacena é também conhecida como “cidade dos loucos”. Já tinha ouvido muitas histórias sobre o local, mas nunca tinha ido a fundo à verdadeira história e como a mais nova estudante de Psicologia, queria muito conhecer o manicômio que marcou negativamente a vida de muitas pessoas. .

Programei-me para visitá-lo em um sábado. Acordei cedo num belo sábado de sol e peguei a estrada. Fiz uma breve parada na serra de Brumadinho no conhecido Topo do Mundo para desfrutar da sua beleza e me preparar para o que ia sentir em um lugar onde tinha histórias tão marcantes, precisava recarregar as energias, e assim fiz. Sentei-me no gramado e fiquei observando a cidade acima das nuvens por um bom tempo, contemplando a beleza única do lugar. Após “carregar a energia” segui viagem.

Chegando ao lugar, já senti o peso da história e em cada sala sentia a emoção aflorar na pele vendo as fotos, lendo os relatos e ouvindo áudios de pacientes

que estiveram naquele lugar, pude de alguma maneira me transportar para realidade vivida por aquelas pessoas. Realidade cruel e desumana, em alguns momentos eu imaginava como as famílias eram capazes de abandonar seus entes em um local como aquele.

No primeiro andar encontramos painéis retratando cronologicamente a história do museu, seu objetivo inicial e o que o sofrido resultado final. Os painéis iniciam com a data de 1900 quando foi criada a lei estadual 290 que dispunha sobre a assistência aos alienados. Em 12 de março de 1903 foi inaugurado o asilo central de Barbacena para prestar assistência aos alienados. Somente em 1934 que o asilo passa a ser hospital colônia de Barbacena para onde eram encaminhados sifilíticos, tuberculosos, marginais, doentes mentais e adúlteras, homossexuais, adolescentes grávidas e muitos indivíduos que foram internados por divergências políticas ou que incomodavam a ordem pública. Através dos painéis fiquei sabendo da superlotação, da venda de cadáveres, do tratamento desumano e das várias mortes que aconteceram por falta de higiene ambiental e alimentação.

Algumas imagens me doíam os ossos. Ao subir para o segundo andar do prédio, deparei-me com uma grade de ferro instalada no teto com uma foto de uma paciente presa por trás da grades deixando a imagem mais realista, nesse momento engoli seco. Quanto mais percorria as salas mais me aprofundava nas histórias daquele lugar. Os objetos revelavam que os pacientes eram tratados como animais trancados em celas, algemados, que se alimentavam com as mãos e ficavam nus. Na última sala que entrei deparei-me com equipamentos de eletrochoque e instrumentos usados na lobotomia, esta sala emitia um só que chegava a me assustar, mais uma vez senti um nó na garganta e um frio na espinha, momento assustador vivenciado dentro daquelas paredes que guardavam relatos que chegava a dar calafrios, as paredes guardavam histórias de tortura, superlotação, doenças e muito mais.

Ao sair do prédio sentei-me num jardim em frente ao museu e permaneci sentada por algum tempo para conseguir digerir as sensações sentidas e organizar os pensamentos. Quando cheguei em casa fui rever as fotografias tiradas do local através das câmeras registrei todos os objetos expostos no museu que contavam um pouco da história sombria daquele lugar.

Depois dessa experiência eu queria saber mais sobre o tratamento ou melhor dizendo a falta de tratamento dado aos doentes mentais naquele manicômio. Na faculdade tinha ouvido falar da peça de Teatro “Nos porões da Loucura” dirigido pelo dramaturgo Luiz Paixão. A peça é baseada no livro de Hiram Firmino e retrata a trajetória dos internos no Hospital Psiquiátrico de Barbacena, onde 60 mil pessoas morreram desde a sua fundação, em 1903. Esse hospital foi o ponto final de vários excluídos. Assim que tive fiquei sabendo que a peça teatral iria contar a história do museu, corri e comprei o ingresso.

Antes da peça, fomos convidados para assistir a um curta-metragem. Era um documentário chamado “Em nome da razão” que relatava os depoimentos e acontecimentos daquela época vivenciadas atrás dos muros do manicômio de Barbacena, pacientes excluídos pela própria família e pela sociedade com intuito de apagar aqueles que não se encaixavam da maneira imposta por uma sociedade autocrática e discriminatória.

A experiência vivenciada na peça teatral foi única, os personagens traduziram de maneira perfeita e realista as histórias dos pacientes, famílias, funcionários

e figuras políticas. Através da peça eu consegui vivenciar cada relato de maneira única e cada encenação foi sentida à flor da pele, através dos arrepios, das lágrimas, dos nós na garganta. Pude quase sentir a dor daquelas pessoas. Tive um sentimento de repulsa pela maneira com a qual a sociedade excluiu seus entes sem nenhum arrependimento, como os funcionários e médicos tratavam os excluídos pela sociedade naquele lugar de forma cruel e totalmente desumana, a forma como o interesse público deixava de lado o sentimento humano por interesses pessoais e financeiros ao vender corpos para Faculdade de Medicina sem permitir que aqueles fossem enterrados de maneira digna. Parei pra pensar como exigir um enterro digno se até a dignidade de viver a vida foi roubada daqueles seres.

Sai do teatro com um misto de sentimentos revolta, angústia, tristeza entre outros que não consigo encontrar palavras para expressá-los.

Continuei me aprofundando nos mistérios da mente humana, nos transtornos mentais e nas formas de tratamento ao longo da história na disciplina de Saúde Mental, ministrada pelo professor Gladston dos Santos Silva. Dentre os conteúdos da disciplina e os documentários, o professor indicou a leitura do livro da Daniela Arbex “Holocausto Brasileiro” (2013). Devorei o livro num final de semana. O livro relata as atrocidades que conheci na visita ao museu da loucura e foi além, revelando os relatos dos funcionários e médicos que trabalharam na colônia, momento que percebi com muito mais clareza a violação de todos os direitos humanos.

Segundo Arbex (2013) não existia nenhum critério médico ou protocolo para a internação.

Maria de Jesus, brasileira de apenas vinte e três anos, teve a Colônia como destino, em 1911, porque apresentava tristeza como sintoma. Assim como ela, a estimativa é que 70% dos atendidos não sofressem de doença mental. Apenas eram diferentes ou ameaçavam a ordem pública (ARBEX, 2013, P. 25) Segundo Arbex (2013), os pacientes chegavam ao Hospital Colônia de ônibus dos hospitais Galba Veloso e/ou Raul Soares ou pelo trem de ferro, também conhecido com “trem de doido” que levavam os pacientes para uma viagem sem volta.

A leitura do livro re-editou minhas lembranças da visita ao Museu da Loucura, cheguei a sentir o mal cheiro dos internos misturados com o odor dos esgotos onde alguns pacientes bebiam água podre conforme ilustra uma foto afixada no mural do Museu da Loucura. Essa lembrança fez meu estômago “embrulhar”.

Dentre os vários relatos dos internos, o que mais me impressionou foi o da interna chamada Sueli Resende que teve a filha arrancada de seus braços. A insanidade de Sueli não foi mais forte do que o amor dela pela filha, ano após ano Sueli lembrou, sofreu e amou a filha que um dia teve em seus braços, ficou claro que o amor ultrapassa barreiras até mesmo a da insanidade. Sueli também foi autora da música que se tornou hino do hospital.

---

Ô seu Manoel, tenha compaixão  
Tira nós tudo desta prisão  
Estamos todos de azulão  
Lavando o pátio de pé no chão  
Lá vem a bóia do pessoal  
Arroz cru e feijão sem sal  
E mais atrás vem o macarrão

Parece cola de colar balão  
Depois vem a sobremesa  
Banana podre em cima da mesa  
E logo atrás vêm as funcionárias  
Que são umas putas mais ordinárias. (ARBEX, 2013, P.  
126)

Segundo Arbex (2013), esse hino faz uma verdadeira crítica ao modelo manicomial e à exclusão que aprisionava a alma.

Observei que cada um tentava sobreviver como podia, alguns de um jeito agressivo como o de Sueli Rezende, outros como a contestadora Conceição Machado ou com o encantamento de Flor de Liz que mesmo em um lugar sombrio conseguia sonhar. Através da disciplina Saúde Mental do Curso de Psicologia da UNIVERSO-BH, tive contato e oportunidade para assistir peças de teatro, documentários e leituras como Holocausto Brasileiro que me introduziu no sofrido universo dos internos de um manicômio.

Senti um misto de sensações, histórias sombrias, de sofrimento e tratamento desumano, onde parece que o amor e a solidariedade ficaram no lado de fora dos muros do hospital.

Finalizo esse relato de experiência percebendo que houve mudança tanto no meu conhecimento teórico quanto no meu comportamento e que saber ouvir o sofrimento do outro e a solidariedade são dois valores fundamentais ao profissional de saúde.

## REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. 1ª edição, São Paulo: Geração Editorial, 2013. 255 p.

FIRMINO, Hiram. **Nos porões da loucura**. Belo Horizonte: Edições Ecológico, 2014. 115 p.

RATTON, Helvécio. **Em nome da razão**: um filme sobre os porões da loucura (filme-video). Produção de : Grupo novo de cinema e Associação Mineira de Saúde Mental. Direção: Helvécio Ratton. 1979, 23'50. P&B